

		TÍTULO		Cargaleiro com exposição inédita			
FONTE	Reconquista			DATA	09/06/2021	Nº da(s) página(s)	1,6
PERIODICIDADE	Diário	Semanário	<input checked="" type="checkbox"/>	Quinzenário	<input type="checkbox"/>	Mensal	<input type="checkbox"/>
ÂMBITO	Local	Regional	<input checked="" type="checkbox"/>	Nacional	<input type="checkbox"/>		

Vitoria Godinho

10€ 15€
 GELINHO UNHAS DE GEL
Aproveite a Promoção
 Faça a sua marcação: 967 635 156
 Rua Sr.ª de Mérculos, 92 B - C. Branco

Reconquista,

semanário regionalista
da beira baixa

DIRETOR AGOSTINHO GONÇALVES DIAS
 Edição 3926 | 9 junho 2021 | 0,75 €
 www.reconquista.pt | 272 321 557
 Membro Honorário da Ordem do Mérito

NOVAS ROTAS E MAIS ABRIGOS NO CONCELHO DE CASTELO BRANCO

Cidade e freguesias com mais transportes públicos P4 e 5

AOS 94 ANOS MOSTRA A SUA OBRA SECRETA

Cargaleiro com exposição inédita

ARTE Toldos de ateliê guardados pelo mestre ao longo dos últimos 70 anos estão agora expostos no seu museu em Castelo Branco. **P5**



EDUCAÇÃO

Escolas da região recebem kits da Beira Baixa

P11

FUTSAL

Ladoeiro vai discutir a subida à I divisão

P22

INOVAÇÃO

Loja do futuro foi criada por albacastrenses

P3

QUEIJO

Pastores vão dispor de um banco de terras

P15

PROENÇA-A-NOVA

Cereja e plangaio em destaque no Proença ON Fest

P17

PENAMACOR

Acordo para gestão partilhada na Malcata

P26

CAMPEONATO DE PORTUGAL

Fim de semana de rali em Ródão e Castelo Branco

P21





EXPOSIÇÃO INÉDITA NOS 10 ANOS DO MUSEU NOVO

Cargaleiro inesperado aos 94 anos

ARTE Fundos de atelié guardados pelo mestre ao longo dos últimos 70 anos estão agora expostos em Castelo Branco.

José Furtado
jose.furtado@reconquista.pt

É uma exposição surpreendente até para o próprio autor. Quando entrou pela porta do museu que tem o seu nome, Manuel Cargaleiro não sabia o que ia encontrar entre as 150 obras que constituem a exposição "Manuel Cargaleiro - Uma Vida Desenhada". O artista plástico colocou todo o seu acervo à disposição do historiador de arte João Pinharanda e deu-lhe carta-branca para fazer a seleção. Não se arrependeu. "Ele consegue chamar a atenção para pormenores que nós nem pensamos quando fazemos", observa. Esta exposição, cuja inauguração coincide com os 10 anos da abertura do novo edifício do Museu Cargaleiro em Castelo Branco, é nas palavras do próprio "uma exposição inesperada". Toda ela é feita de trabalhos que, talvez, só o mestre conhecia, com estudos para outras obras que, essas sim, viram

a luz do dia. Por isso mostram as experiências que foi fazendo ao longo da vida e com isso o arriscar. "É uma exposição que mostra a parte íntima do pintor, aquilo que normalmente se chama os fundos do atelié. Isto aqui é a minha verdade". Ao fim de 70 anos de criação artística há uma outra liberdade. "Quando um pintor chega aos 94 anos como eu pode mostrar. Isto aqui é mostrar aquela parte secreta do pintor". E conseguiu redescobrir-se na seleção de Pinharanda. "Acho graça. Nós pensamos que estamos sempre a fazer o mesmo e é mentira". Manuel Cargaleiro diz que é também uma exposição leve e que pode (e deve) ser vista pelas crianças e jovens, um público com o qual se identifica. Na visita à casa da sua fundação não dispensa uma ida ao espaço do serviço educativo e demonstra entusiasmo pelos rabiscos que os mais novos por lá deixam. A viver há 65 anos em Paris mas em viagem constante



Manuel Cargaleiro abriu o acervo mais íntimo de sete décadas de criação

entre França, Itália e Portugal. Manuel Cargaleiro sente-se em casa na cidade de Castelo Branco, onde decidiu sedear a sua fundação. Quando ali chegou para mais uma visita, a sós na conversa com o Reconquista, afirmou que "esta gente aqui de Castelo Branco tem tratado bem a minha obra". E retribui, pedindo para ser fotografado com a equipa do museu. Ao passar por uma das montras onde repousa um prato com pincéis alguém observa que o prato não tem a sua assinatura. O mestre pega da peça e num dos pincéis e logo ali se improvisa a solução (na foto). Manuel Cargaleiro tem vi-

vido fora do seu país uma boa parte da sua longa vida mas para este filho do Chão das Servas, em Vila Velha de Ródão, as aldeias continuam a ter uma importância fundamental. "Numa aldeia as pessoas estão mais isoladas mas o espírito e a vida é muito bonito. Há uma paz que dificilmente se encontra numa grande cidade. Eu sinto uma necessidade de viver e ter um contacto permanente com a natureza e com as aldeias". E é um eterno curioso pela descoberta, a começar na origem do apelido de família, que encontrou nos carregais e nos contrabandistas. Essa curiosidade leva-o também a uma busca pela história de uma das suas paixões, que é

a cerâmica. Certo dia, numa viagem à Grécia com ida à costa da Turquia, descobriu uns pedaços de azulejo consumidos pelo tempo. Guardou-os e no regresso a Portugal pediu ao então diretor do Museu Nacional do Azulejo para tentar descobrir algo mais. "Fomos encontrar referências nos livros do século XVI. Era da melhor faiança da Turquia", recorda. A história surge a propósito da arte urbana e de manifestações como os murais, que agora também começam a evidenciar-se em Castelo Branco. "Evidentemente acho isso maravilhoso. Detesto é que façam obras que vão desaparecer, não gosto. Quando

Pandemia não é inspiração

Falar de Manuel Cargaleiro é falar de cor e de alegria, mesmo que o preto seja a única que se vislumbra entre alguns dos seus trabalhos expostos agora em Castelo Branco. O mestre não é indiferente aos lugares e às épocas mas a pandemia não o impede a criar. A destruição, diz, não o inspira. Mas está longe de ficar indiferente. "Vou fazer 95 e nunca tive nada que me impressionasse mais do que isto", diz ele que passou pela guerra de Espanha, a II Guerra Mundial e uma ditadura de quase 50 anos. "Mas uma coisa destas a nível universal é dramático. Nunca pensei ver uma coisa destas". Manuel Cargaleiro nota que há uma capacidade humana de saber esquecer mas a pandemia "ficará como um dos piores períodos da história da humanidade".

nós fazemos uma pintura mural não é para agora, é para ficar, é uma mensagem que nós deixamos". E conclui: "desejo a maior felicidade aos jovens e que eles continuem. Mas façam em materiais que durem".

Vídeo em reconquista.pt